



Tecnologias da Informação em Educação

nº e special

2º

CONGRESSO
LUSO-BRASILEIRO
EM INVESTIGAÇÃO
QUALITATIVA

Investigação qualitativa: contributos para a sua melhor compreensão e condução¹

M. Cristina V. de Freitas

cristina.freitas@fl.uc.pt

Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

CIDEHUS, Universidade de Évora

Resumo

Este texto discute as características das investigações qualitativas, delineadas na sua evolução histórica, com especial incidência nas últimas décadas do século XX, relacionando-as com questões de variada ordem. Igualmente, clarifica o perfil e o papel dos/as investigadores/as qualitativos/as e oferece explicações sobre os critérios de avaliação destes estudos. Do ponto de vista metodológico, efetua-se uma revisão bibliográfica seletiva, consultando obras de referência, cujas buscas limitam-se aos períodos recentes, de forma a captar tendências. Deste modo, surgem várias conclusões. Os estudos qualitativos baseiam-se em enfoques que, por sua vez, se sustentam num paradigma geral, definido pelos seus aspetos ontológicos, epistemológicos, metodológicos, axiológicos e retóricos. Igualmente possuem quatro pontos cardeais: a concordância entre teorias e métodos; o emprego das perspetivas dos sujeitos; o emprego da autorreflexão; a variedade de enfoques e de métodos. Ainda, apresentam um carácter indutivo, holista, humanista, naturalista; um desenho flexível e emergente. Na sua condução influem a natureza dos problemas e as inclinações pessoais dos/as investigadores/as, que devem controlar a subjetividade e atuar com tolerância e confiança. Os estudos qualitativos são avaliados pelo/a: consistência; autenticidade; transferência; variação; encaixe. Tais critérios possuem um enquadramento próprio, não podendo ser confundidos com os significados que lhes são atribuídos noutros contextos.

Palavras-Chave: Modelos de investigação; Paradigmas de investigação; Investigação qualitativa; Revisão bibliográfica.

Abstract

This paper offers some reflections about the characteristics of qualitative research, outlined in its historical evolution, with particular focus to the last decades of the 20th



century, relating them to issues of varying order. It also clarifies the profile and role of qualitative researchers, explaining some criteria used to evaluate these studies. To accomplish these goals, it is performed a selective literature review, by researching reference works, in recent periods, in order to capture its trends. There are several conclusions that emerge from this research. Qualitative studies are founded on approaches that are supported on a general paradigm, defined by ontological, epistemological, methodological, axiological and rhetorical aspects. Qualitative studies have four cardinal points: agreement between theories and methods; use of subjects' perspectives; use of self-reflection; and use of various approaches and methods. They also have a flexible and emergent design, combining it with an inductive, holistic, humanistic, and naturalistic approach. The nature of the problems and the personal inclinations of the qualitative researchers have influences in its conduction. Qualitative researchers must control the subjectivity, and act with tolerance and faith. We evaluate the qualitative studies by its consistency, authenticity, transfer, variation, and fit. All these criteria have a proper paradigm of analysis, and we cannot fit them in another context.

Keywords: Research models; Research paradigms; Qualitative research; Bibliographic research.

Resumen

El artículo analiza algunos de los rasgos de la investigación cualitativa, deteniéndose en los aspectos de su evolución histórica en las últimas décadas del pasado siglo, con el reto de poner de manifiesto un conjunto de cuestiones imprescindibles a su conducción y comprensión. Asimismo aclara el perfil y el rol de los/as investigadores/as cualitativos/as en el campo, y bien algunos de los criterios empleados en la evaluación de ésta clase de estudios. Desde un punto de vista metodológico, se hace una revisión bibliográfica de carácter selectivo, valiéndose de la consulta a referenciales punteros, deteniéndose las búsquedas a la información más actual y relevante, intentando captar tendencias. Entre los principales hallazgos se pone de relieve el hecho, ya conocido, de que los estudios cualitativos se basan en enfoques que a su vez se sostienen en un paradigma general, reflejado en distintos aspectos, entre los cuales: el ontológico, el epistemológico, el metodológico, el axiológico y el retórico. Por lo que respeta a sus rasgos, éstos se presentan bajo cuatro "puntos cardinales": (i) el total acuerdo entre teorías y métodos; (ii) el empleo de la perspectiva de los sujetos; (iii) el proceso de auto reflexión; (iv) la variedad de enfoques y de métodos. Asimismo, dichos estudios suelen ser inductivos, holísticos, humanistas y naturalistas, además de su diseño flexible y emergente. En su



conducción influyen la naturaleza de los problemas y las inclinaciones personales de los/as investigadores/as, que asimismo deben controlar la subjetividad y desarrollar la tolerancia y la confianza. Los estudios cualitativos se evalúan, ante todo, bajo los siguientes criterios: consistencia; autenticidad; transferibilidad; variabilidad; encaje. Dichos criterios encuentran su significado en el entorno exclusivo del desarrollo de la investigación.

Palabras clave: Modelos de investigación; Paradigmas de investigación; Investigación cualitativa; Revisión bibliográfica.

Introdução

“Se alguém deseja seriamente procurar a verdade das coisas, não deve optar por uma ciência em particular. Todas as ciências estão unidas entre si e dependem umas das outras. Deve pensar apenas em aumentar a luz natural da sua razão, não para que resolva esta ou aquela dificuldade de escola, mas para que nos casos particulares da vida o entendimento mostre à vontade o que deve escolher.” (René Descartes, Regras, A.T., X: 361)

Da epígrafe que serve de leitmotiv para este texto, emerge a ideia que conduz à sua concretização: toda investigação depende de escolhas que se traduzem em decisões que devem ser tomadas e justificadas à luz da razão. Considerando que a relatividade com que encaramos a ciência, no mundo atual, leva-nos a buscar, não propriamente a verdade, mas uma, dentre várias e possíveis verdades, urge munir-nos dos instrumentos adequados ao seu visionamento. Ao experienciar um contexto de rutura, que se confirma pelo afastamento da ignorância e pela assunção do conhecimento, somos constantemente confrontados/as com um simples facto: os métodos e as técnicas de investigação não são bons nem maus; tão pouco neutros². Desta constatação deriva que é pelo seu uso que determinamos o seu carácter de bondade ou de maldade. Semelhantes assunções, como procuraremos evidenciar, encaixam-se nas diferentes questões que se colocam, como um desafio, para a investigação qualitativa.

Os métodos e as técnicas qualitativas evoluíram, com especial incidência, no século XX, vinculando-se, nos seus primeiros momentos³, às investigações realizadas por distintas Escolas, nos Estados Unidos da América, realidade que se alteraria, em função das ressonâncias que culminariam com a sua disseminação para além destas fronteiras.

Sob um mesmo guarda-chuva genérico, designado por investigação qualitativa, encontram-se, na verdade, diversas tendências com características distintas, ora associadas às descrições obtidas com o emprego das técnicas, numa aproximação



que privilegia o desenho, ora associadas aos tipos de estudo ou à perspectiva adotada, numa aproximação que privilegia os diferentes tipos de enfoque (Flick, 2007; LeCompte, 1995; Rodríguez Gómez, Gil Flores, & García Jiménez, 1999).

Todo este variado registo, fruto de uma liberdade de condução que realmente caracteriza os estudos qualitativos, estimula os ânimos mas também incita as críticas, agravadas pelas posturas dos/as próprios/as investigadores/as qualitativos/as, que nem sempre são capazes de delimitar os seus estudos ou de explicar a maneira como obtêm os seus resultados, encobrendo aspetos metodológicos e terminológicos cruciais, e divergindo em definições de procedimentos banais (Morse, 2005, p. 28).

Com efeito, as investigações qualitativas abarcam uma diversidade enfoques, de estilos, de técnicas e de métodos, passíveis de várias interpretações. Este rasgo pode converter-se tanto numa vantagem como numa desvantagem, dependendo de como o mesmo venha a ser explorado. Vejamos porquê. No plano concreto, esta diversidade tanto pode beneficiar o/a investigador/a experiente quanto confundir o/a novato/a. No plano teórico, tanto pode obstaculizar como viabilizar soluções de consenso. Porquanto, convém recordar que se no plano teórico estas questões não se resolvem, no plano concreto, todavia, cabe aos/às investigadores/as qualitativos/as encontrar a solução, posto que os seus estudos são julgados, entre outros critérios, pela sua própria capacidade de criar um contexto de justificação, de modo a contemplar situações objetivas. São ingredientes como estes que se mesclam e tornam ainda mais difícil o já de si complexo processo de consolidação dos estudos qualitativos.

A nossa preocupação é cingir-nos a estas questões e oferecer pistas para o seu razoável entendimento, sem a pretensão de as esgotar. Em conformidade com essas aspirações, este texto encontra-se dividido em quatro seções, para além da introdução e da conclusão. Na primeira e na segunda seção, abordamos os aspetos distintivos do paradigma de investigação que guia os estudos qualitativos e desenvolvemos as suas características essenciais. Na terceira e na quarta seção, apresentamos o papel e o perfil do/a investigador/a, nos estudos qualitativos, e refletimos sobre os critérios essenciais de avaliação destes estudos.

Com respeito à metodologia⁴ adotada, intentamos uma abordagem exploratória dos aspetos referidos, culminada com conclusões de interesse prático. Concretamente, efetuamos uma revisão bibliográfica seletiva, considerada suficiente numa aproximação dessa natureza, consultando importantes expoentes e obras, limitando as buscas aos períodos recentes, de forma a captar tendências.



Do confronto com a literatura da área emergem, pois, reflexões e contributos relevantes para a melhor compreensão e a mais segura condução das investigações qualitativas.

1. Aspetos distintivos do paradigma de investigação qualitativa

Os enfoques embutem-se nos paradigmas de investigação e integram-se nos seus esquemas explicativos, dando-lhes consistência. Nos estudos qualitativos relevam o enfoque fenomenológico, cujas bases se assentam na questão da essência e do significado dos fenômenos (Taylor, & Bogdan, 1987, p. 18) e o enfoque hermenêutico, neste caso, pelo seu potencial interpretativo.

O plano de uma investigação começa pela seleção de um tópico e de um paradigma adequado ao seu desenvolvimento. Os paradigmas são modelos de construção da realidade, que auxiliam na compreensão dos fenômenos e na demarcação dos estudos. Dada a sua amplitude, abrangem teorias, enfoques, métodos e técnicas. Com base nestes argumentos, identificamos dois paradigmas, surgidos no século XIX e consolidados no decorrer do século XX: o quantitativo e o qualitativo⁵ (Creswell, 1994).

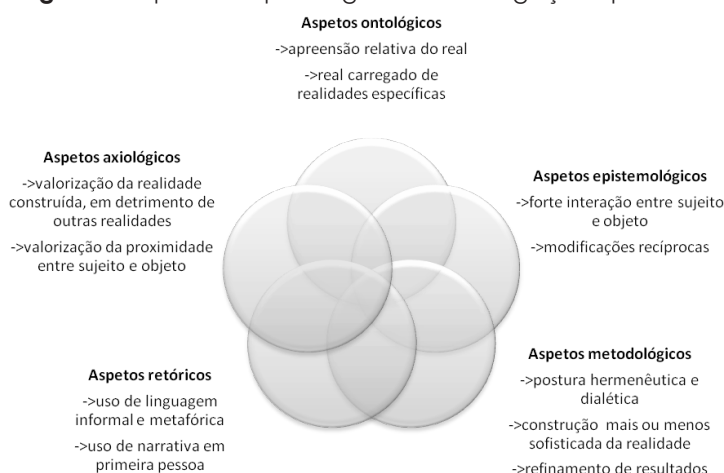
No que refere aos aspetos distintivos do paradigma de investigação qualitativa, objeto desta seção, selecionamos dois modelos de análise que passaremos a explicar.

O primeiro modelo, identificado em Guba e Lincoln (1994), esclarece que um paradigma compreende três aspetos principais: o ontológico, o epistemológico e o metodológico. Do ponto de vista ontológico, em que releva a natureza da realidade, as investigações qualitativas concebem-se como processos dinâmicos, que são construídos por meio da interação social, daí derivando a consciência de que a realidade é apreendida de modo relativo, sendo carregada de realidades específicas, socialmente construídas. Do ponto de vista epistemológico, em que relevam os processos de conhecimento, as investigações qualitativas caracterizam-se pela adoção de uma postura transacional, de interação entre o sujeito e o objeto, sendo ambos passíveis de influências recíprocas. Do ponto de vista metodológico, em que relevam as estratégias que levam à produção do conhecimento, as investigações qualitativas caracterizam-se pela adoção de posturas hermenêuticas e dialéticas, pelo refinamento dos resultados, e pela elaboração de uma construção da realidade, num grau de sofisticação compatível com os propósitos do estudo (Figura 1).



O segundo modelo, identificado em Creswell (1994), reconhece os aspetos do modelo anterior, e introduz dois outros aspetos: o axiológico e o retórico⁷. Do ponto de vista axiológico, em que relevam os valores, as investigações qualitativas caracterizam-se pela primazia dada à realidade construída pelos/as próprios envolvidos/as, em relação às outras possíveis realidades. Consequentemente, valorizam-se as posturas que levam à aproximação do/a investigador/a com o seu objeto, reduzindo as distâncias e proporcionando uma relação intersubjetiva. Do ponto de vista retórico, em que releva o discurso, as investigações qualitativas caracterizam-se pelo estilo próprio dos seus relatos que, em certos casos, privilegiam o uso de uma linguagem informal e metafórica, aliada à construção da narrativa na primeira pessoa (Figura 1).

Figura 1: Aspetos do paradigma de investigação qualitativa



Fonte - Elaboração própria, com base em: Guba e Lincoln (1994); Creswell (1994).

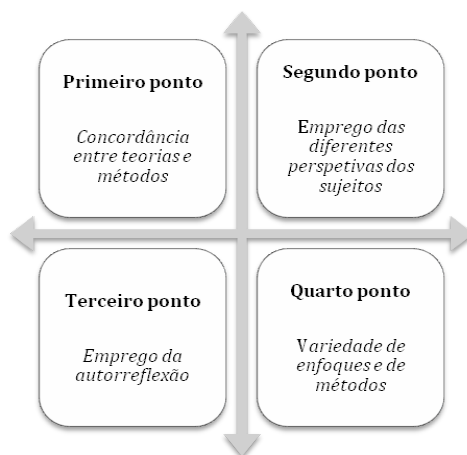
2. Características essenciais dos estudos qualitativos

Dos aspetos levantados na seção anterior, antecipam-se certas características dos estudos qualitativos. Sem pretender atingir a exaustividade, iniciamos pelos quatro pontos cardeais levantados por Flick (2007), em torno dos quais caracterizamos, de um modo geral, os estudos desta natureza. O primeiro ponto refere-se à concordância entre teorias e métodos. Nos estudos qualitativos, devem ser privilegiados métodos e teorias abertas e flexíveis, compatíveis entre si, capazes de fazer frente à tarefa de lidar com a complexidade inerente aos objetivos e aos problemas a contemplar. O segundo ponto refere-se ao emprego das diferentes perspectivas dos sujeitos. O contributo da investigação qualitativa nota-se pela sua capacidade de oferecer



respostas que se apoiam nas perspetivas das diferentes pessoas envolvidas e de criar, deste modo, uma rede de ações e de significações entre as mesmas. O terceiro ponto refere-se ao emprego da autorreflexão, como sendo a atitude que leva o/a investigador/a a atuar como um crítico/a de si mesmo/a, da sua própria investigação e das pessoas nela envolvidas. Esta atitude implica o alinhamento com uma posição construtiva e interventiva. O quarto ponto refere-se à variedade de enfoques e de métodos. As investigações qualitativas são reconhecidas pelo facto de possuírem diversos esquemas de confronto com a realidade, tendo em vista a sua compreensão holística (Flick, 2007, p. 18-20). As próprias linhas evolutivas da investigação qualitativa atestam esta tentativa constante de inovação e de reflexão (Figura 2).

Figura 2: Pontos cardeais dos estudos qualitativos



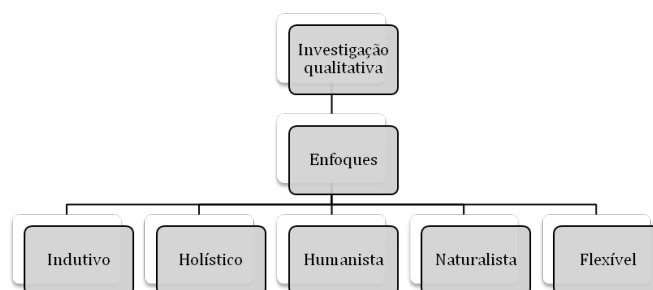
Fonte - Elaboração própria, com base em Flick (2007).

Tendo em conta as quatro balizas gerais acima referidas, identificamos ainda outras características específicas, que se desdobram desta linha de análise. Entre estas destaca-se, por exemplo, o enfoque indutivo, dado pelo facto de que, nos estudos qualitativos, os dados são usados para gerar descrições, conceitos e teorias, e não para comprovar, testar ou validar conceções pré-existentes. Portanto, estes estudos guiam-se pelo princípio de encaixe das teorias nos dados e não pelo seu contrário. Outro aspeto a destacar é o seu enfoque holístico, que implica: analisar a realidade como um todo, sem efetuar a sua redução em partes; fundamentar as análises, primeiramente, na observação do próprio contexto e, seguidamente, nas teorias existentes (com as quais se exerce o diálogo e o confronto). Por último, ainda na linha dos enfoques, as investigações qualitativas são consideradas humanistas,



naturalistas e flexíveis, em função: da sua necessidade de compreender as pessoas nos seus ambientes naturais; da sua recusa em submeter-se a uma standardização de métodos; da sua liberdade em se deixar conduzir, tanto pelas atitudes criativas como pelo imprevisto (Taylor, & Bogdan, 1987, p. 20-23) (Figura 3).

Figura 3: Enfoques dos estudos qualitativos

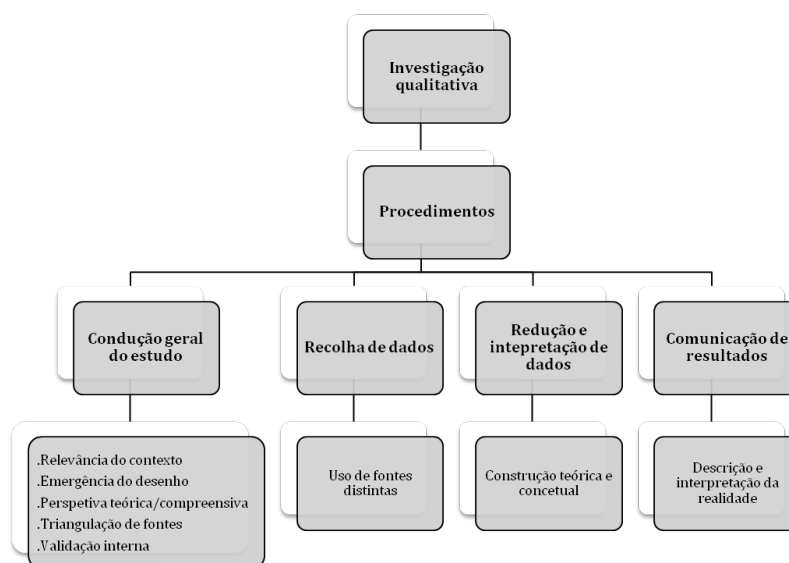


Fonte - Elaboração própria, com base em Taylor e Bogdan (1987).

Do ponto de vista dos procedimentos, há pelo menos três componentes que caracterizam uma investigação qualitativa, como sejam: a forma peculiar de recolher os dados, sugerindo fontes distintas; a maneira de os reduzir e interpretar, gerando constructos de nível conceitual; o modo de comunicar os resultados, incidindo em aspetos descritivos e interpretativos da realidade (Strauss, & Corbin, 2002, p. 13). Ainda, na condução dos estudos qualitativos, ao prevalecer o enfoque indutivo também prevalecem certas características que lhe servem de complemento, como sejam: a relevância do contexto; a emergência do desenho; a busca de explicações teóricas; o esforço pela compreensão dos fenômenos; a triangulação; a preocupação com as formas internas de validação de resultados (Creswell, 1994, p. 4-7) (Figura 4).



Figura 4: Aspetos envolvidos nos procedimentos adotados pelos estudos qualitativos

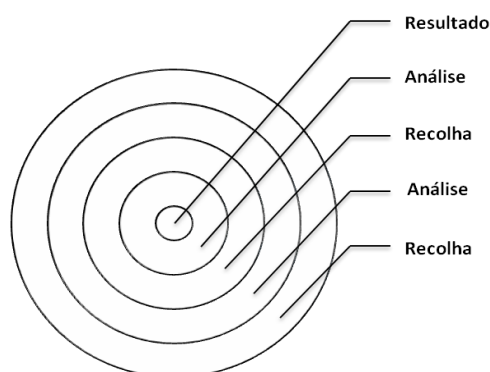


Fonte - Elaboração própria, com base em: Creswell (1994); Strauss e Corbin (2002).

No que respeita ao desenho, os estudos qualitativos adotam um modelo que vai sendo construído à medida que o estudo avança. De facto, os desenhos qualitativos são emergentes ou projetados, porque não lançam mão, a priori, de um protocolo fechado de investigação⁹. Inicialmente, o/a investigador/a compromete-se com um protocolo mínimo, pelo qual prossegue, tomando as decisões em função dos obstáculos e das questões que vão surgindo. Com efeito, trata-se de estudos considerados preliminares até ao fim, sendo este o momento em que o objeto finalmente se desvela. Assim, os desenhos qualitativos assumem-se como circulares, abertos, progressivos e flexíveis, sendo elaborados sem as preconcepções, as hipóteses ou as teorias de base que orientam os estilos apriorísticos de apreensão da realidade (Creswell, 1994; Flick, 2007; Taylor, & Bogdan, 1987; Valles, 1997). Precisamente por isto, os/as investigadores/as qualitativos/as privilegiam o processo de investigação, considerado tão relevante quanto os resultados que obtêm, e optam pelo abandono da estrutura linear convencional, dado que a mesma, ao promover o divórcio entre as etapas de recolha e de análise de dados, não se traduz em benefícios palpáveis (Coffey, & Atkinson, 2005, p. 21). No plano concreto, os estudos qualitativos combinam, assim, fases sucessivas de recolha e de análise de dados, que influem sobre si mesmas, das quais emergem os resultados que conduzem às explicações e às conclusões (Figura 5).



Figura 5: Sequência ilustrativa das etapas dos estudos qualitativos

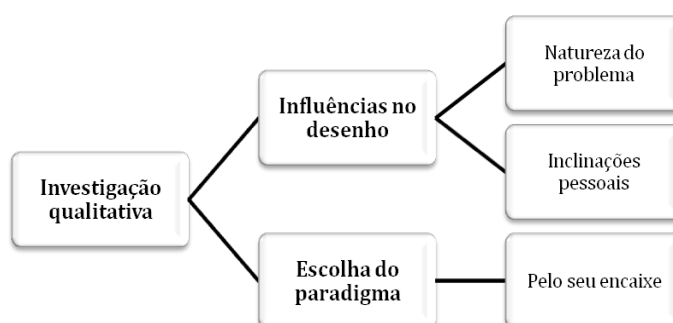


Fonte - Elaboração própria, com base em: Creswell (1994); Flick (2007); Taylor e Bogdan (1987); Valles (1997).

Do ponto de vista da sua fundamentação, a característica essencial de um estudo qualitativo é o seu encaixe com um paradigma de investigação, que, por sua vez, deve ser consistente com um problema, sendo que este requer um desenho apropriado (Creswell, 1994, p. 13-14). Ao paradigma, ao desenho e ao problema acrescentam-se as inclinações pessoais (Strauss, & Corbin, 2002, p. 12). À partida, problemas de investigação que se encontram num domínio pouco conhecido, ou que merecem uma aproximação diferente, apelam por uma abordagem intensiva e aprofundada, devendo ser analisados pelo paradigma qualitativo (Stern, 1980¹⁰ cit. por Strauss, & Corbin, 2002, p. 12). Nas inclinações pessoais influem tanto a Academia, com as diferentes escolas e tradições, quanto o perfil dos investigadores/as, que, neste caso, devem comprometer-se, acima de tudo, com o paradigma e o desenho adequado ao seu problema, tentando não se deixar conduzir demasiado pelo meio ou pelas predisposições idiossincráticas (Strauss, & Corbin, 2002, p. 12) (Figura 6).



Figura 6: Aspectos inerentes à fundamentação dos estudos qualitativos

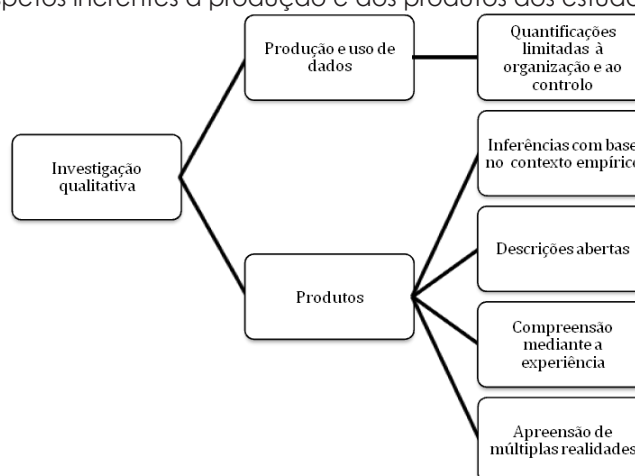


Fonte - Elaboração própria, com base em: Stern (1980) cit. por Strauss e Corbin (2002); Creswell (1994).

No que se refere à produção e ao uso dos dados, numa investigação qualitativa, grosso modo, os mesmos não são quantificados, medidos ou contabilizados com fins inferenciais. De facto, o termo investigação qualitativa per se sugere qualquer tipo de estudo que produz resultados que não são obtidos por procedimentos estatísticos ou por outros meios similares de quantificação (LeCompte, 1995; Strauss, & Corbin, 2002). Com efeito, a forma como são utilizados os dados, nestes tipos de estudos, faz toda a diferença. As quantificações que realizam os/as investigadores/as qualitativos/as servem, normalmente, aos objetivos de organização e de controlo do volume de dados obtidos, de forma a facilitar o seu manuseio. Quanto aos produtos, os estudos qualitativos produzem descrições abertas, com inferências e explicações que se cingem ao contexto. Deste modo, pode-se dizer que os investigadores/as qualitativos/as atingem a compreensão por meio da experiência e apreendem múltiplas formas de realidade (Stake, 2007, p. 46).



Figura 7: Aspetos inerentes à produção e aos produtos dos estudos qualitativos



Fonte - Elaboração própria, com base em: LeCompte (1995); Stake (2007); Strauss e Corbin (2002).

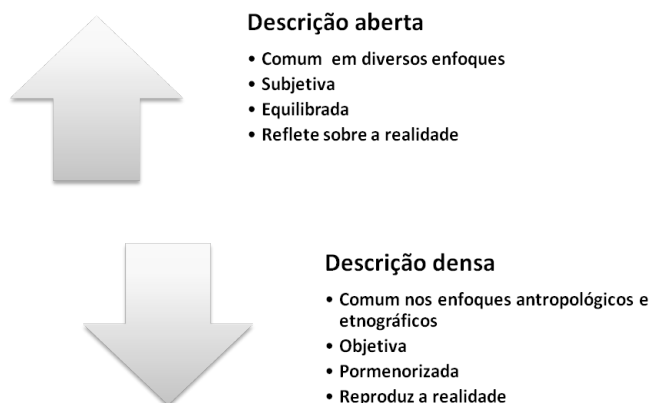
A descrição, outro elemento que caracteriza os estudos qualitativos, proporciona a base sobre a qual se constroem os seus resultados. Portanto, a solidez de um estudo dependerá, em boa medida, da sua capacidade de resistir ao impacto dos fatores que ameaçam a sua credibilidade (Taylor, & Bogdan, 1987; Wolcott, 2003). Normalmente, o que ameaça a credibilidade de um estudo desta natureza é o manuseio de um grande volume de dados. Coffey e Atkinson (2005, p. 17) advertem para este perigo, dizendo que é muito fácil enredar-se nos dados. Trata-se de um caso típico de desvio que, conforme dizem os autores, faz com que o/a investigador/a deixe de ver a floresta e olhe apenas para as árvores, não sendo capaz de obter, nos dados que recolhe, o apoio analítico de que necessita para as suas interpretações. Mas, é bom de ver que a decisão sobre a quantidade de informações de carácter descritivo, a incluir nos estudos qualitativos, depende diretamente dos seus propósitos. Vejamos porquê.

Nos estudos qualitativos, as descrições podem ser abertas ou densas¹¹. As descrições densas, que dependem da recolha de um grande volume de dados, são típicas dos estudos que privilegiam os pormenores dos factos e dos comportamentos, bem como dos que tentam reproduzir a realidade de uma forma fiel e objetiva, atingindo, deste modo, um nível alto de credibilidade. Destas, são exemplos típicos os estudos antropológicos e etnográficos (Geertz, 1973 cit. por Coffey, & Atkinson, 2005, p. 33). Nas descrições abertas, o principal objetivo é captar as subjetividades, de uma forma equilibrada, socorrendo-se apenas da informação necessária para



estimular a reflexão e a compreensão. Por isso, estas descrições adaptam-se aos diferentes tipos de estudos e dependem da recolha de um volume relativamente menor de dados (Geertz, 1973 cit. por Stake, 2007, p. 46). A sua credibilidade, neste caso, é avaliada, menos pela quantidade de dados recolhidos, e mais pela qualidade do relato (Figura 8).

Figura 8: Aspetos inerentes aos tipos de descrição usados nos estudos qualitativos



Fonte - Elaboração própria, com base em: Geertz (1973) cit. por Coffey e Atkinson (2005); Geertz (1973) cit. por Stake (2007).

3. O papel e o perfil essencial do/a investigador/ nos estudos qualitativos

Ao entrarem no campo, os/as investigadores/as qualitativos/as tornam-se particularmente conscientes dos potenciais efeitos que causam no objeto e nas pessoas com quem se envolvem. Deste modo, atuam no sentido de tentar compreendê-las, valendo-se do seu próprio marco de referência e esforçando-se por suspender, ou afastar, as suas próprias crenças e inclinações. Como consequência, tendem a considerar como válidas todas as perspetivas e como dignos de estudo todos os cenários, bem como as pessoas envolvidas (Flick, 2007, p. 32; Taylor, & Bogdan, 1987, p. 20-22).

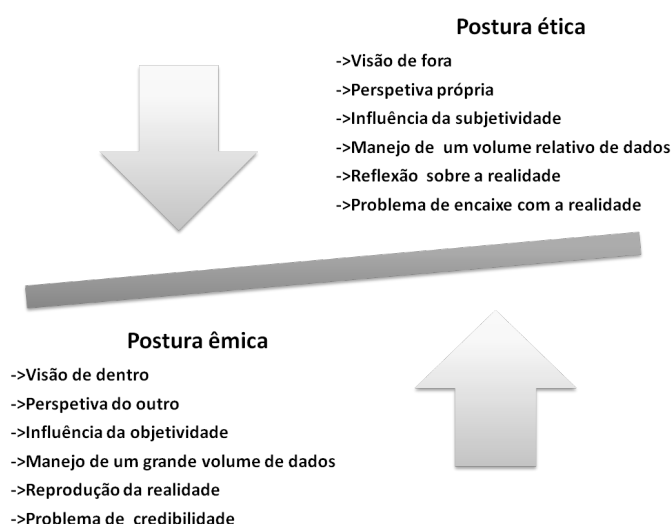
Consistentemente com as asserções anteriores, consoante os seus objetivos, os/as investigadores/as qualitativos/as, encaminham-se para três distintas posturas. Numa primeira, designada por *ênica*, privilegiam a perspetiva das pessoas que estudam. Numa segunda, designada por *ética*, valorizam a sua própria perspetiva. Ainda, é possível a existência de uma terceira postura, que combina as características



de ambas. Com efeito, ao escolherem esta terceira via de aproximação com a realidade, os/as investigadores/as mantêm-se numa posição de equilíbrio, sem optar por uma ou outra, em exclusivo (Boyle, 2005, p. 219-220) (Figura 9).

Como, de facto, as duas primeiras posturas oferecem vantagens e desvantagens, a opção pela terceira costuma ser a solução para, de um certo modo, minimizar as desvantagens das outras duas. Vejamos porquê. Por um lado, uma postura excessivamente subjetiva (ética) pode condicionar o/a investigador/a a refletir sobre uma realidade que, no limite, não passa de uma sua construção, não encontrando correspondência no terreno substantivo. Para evitar este tipo de excesso, convém recorrer à objetividade e beneficiar-se da perspetiva das pessoas envolvidas, trazendo esta carga empírica para o processo descritivo, de forma a anular ou minimizar os efeitos de uma possível distorção da realidade. Por outro lado, uma postura excessivamente objetiva (êmica) pode restringir as possibilidades analíticas. Como é típico, nestes casos, tanto o excesso de dados recolhidos no terreno empírico quanto a falta de contraste dos mesmos com uma perspetiva adicional - a do próprio/a investigador/a, por exemplo, - podem introduzir problemas de credibilidade e de interpretação (Figura 9).

Figura 9: O duplo papel do/a investigador/a qualitativo e as suas implicações



Fonte - Elaboração própria, com base em Boyle (2005).



Na realidade, os/as investigadores/as qualitativos devem procurar conhecer bem os modelos, os métodos e as técnicas com que lidam, para estar em condições de clarificar o seu papel nas investigações que desenvolvem, e poder jogar com este trunfo a seu favor. O universo de uma investigação qualitativa em muito se assemelha a um big puzzle, que em algum momento se completa, mas não sem o esforço e a movimentação por um terreno marcado pela provisoriedade, no qual a tolerância e a confiança parecem ser, em alguns momentos, as únicas certezas com que se conta (Coffey, & Atkinson, 2005). Não é, pois, supérfluo recordar a conveniência de, em distintos momentos, adotar-se uma postura de transigir, compreendendo que esta provisoriedade, inerente aos estudos qualitativos, só deixa de existir quando os dados se encaixam e as ideias começam a fazer sentido. Por isso, tanto a provisoriedade quanto a circularidade e a flexibilidade, não devem ser vistas pela ótica do obstáculo, porque são, de facto, oportunidades reais para agir e perseverar. Tal é o papel defendido por Denzin e Lincoln (2006), para o investigador/a qualitativo/a: trata-se de usar as armas de um/a bricoleur¹², i.é., de um/a improvisador/a por natureza, capaz de atuar em distintas frentes e de empregar uma variedade de estratégias e de métodos, recopilando dados e analisando informações.

4. Os critérios essenciais de avaliação dos estudos qualitativos

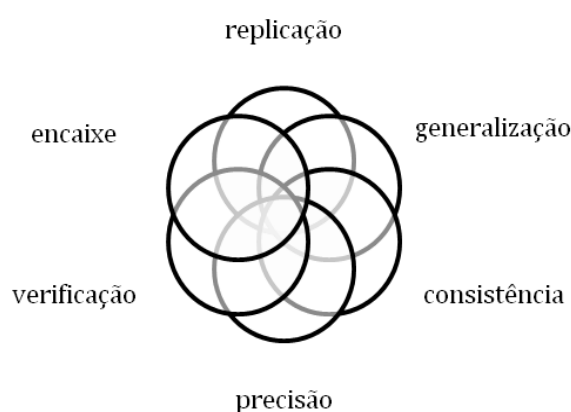
Os/as investigadores/as qualitativos/as, não raro, são confrontados com a necessidade de justificar os seus estudos e de demonstrar que os seus resultados e as suas conclusões são válidos, porque derivam de uma rigorosa e sistemática aproximação com os dados, e não de uma construção meramente especulativa, com pouca ou nenhuma base empírica de sustentação.

De um modo geral, os estudos científicos são validados nos seguintes âmbitos: o interno, em que a investigação é avaliada pelo seu próprio contexto; e o externo, em que a investigação é avaliada pela sua relação com outros contextos. De um modo específico, os critérios normalmente recomendados para a validação dos estudos são os seguintes: a replicação, que se baseia na assunção de que os estudos científicos devem ser passíveis de reprodução; o encaixe, que diz respeito ao enquadramento das teorias que suportam o estudo, com as observações efetuadas no campo empírico; a generalização, que se refere à capacidade de os resultados obtidos pela observação de uma fração da realidade serem generalizáveis ao todo; a consistência, que diz respeito à concordância dos resultados com as teorias; a precisão, que se refere à exatidão dos resultados; e a verificação, que se refere à



sua capacidade de demonstração.

Figura 10: Critérios gerais de validação usados na maioria dos estudos



Fonte - Elaboração própria.

Mas, como podemos inferir, nem todos os critérios anteriormente apontados se ajustam aos estudos qualitativos, sendo alguns considerados, até mesmo, impróprios, na generalidade dos casos. A replicação, por exemplo, não encontra guarida no campo das investigações sociais, que se regem por regras em que pode ser difícil, ou mesmo impossível, replicar as condições originais sob as quais ocorreram determinados fenómenos, bem como controlar todas as variáveis que interferem com os resultados (Strauss, & Corbin, 2002, p. 288). Simplesmente, as pessoas não podem ser medidas num tubo de ensaio (Morse, 2005, p. 26), devendo, pois, ser analisadas no seu ambiente, sendo esta uma constatação que modifica a relação do/a investigador/a com o seu objeto. Por isso, no lugar, da replicação, propõe-se um outro critério, como seja, a transferência, termo que advoga a ideia de que em contextos com condições semelhantes devem produzir-se resultados semelhantes (Guba, & Lincoln, 1994; Strauss, & Corbin, 2002). Assim, um estudo qualitativo não pode ser replicado, uma vez que depende, em grande medida, do contexto em que se desenvolve. Todavia, pode (e deve) ter a sua aplicação transferida para outros contextos com características semelhantes. Neste ponto, encontramos uma justa medida de avaliação externa.

Conquanto não possam (nem devam) replicar os seus estudos, os/a investigadores/as qualitativos/as podem (e devem) fazer uso, e já o vimos noutras seções, da consistência do relato, sendo este um grande recurso com que contam a seu favor.



Um discurso coerente é capaz de fornecer elementos que indiquem, por exemplo, o grau: de adequação das perspetivas; de reflexividade do processo; de encaixe entre os problemas e as soluções tomadas; de resposta às questões relevantes do estudo. Por isso, no âmbito qualitativo, o rigor do procedimento e a descrição fiel do percurso são critérios frequentemente recomendados para o incremento da credibilidade.

No que respeita ao encaixe, numa investigação qualitativa, o mesmo ocorre, primeiramente, ao nível dos dados substantivos (contexto endógeno) e, em segundo lugar, ao nível destes com as teorias (contexto exógeno), e não o contrário. Por isso, conforme Taylor e Bogdan (1987) muito bem salientam, o relato não se deve realizar com base em verdades ou moralidades, que não identificam mais do que juízos de valor, mas sim numa construção razoável da realidade analisada, incidindo e contrastando as explicações, nos seus aspetos relevantes e emergentes. Daí insistir-se na qualidade da descrição, conforme vimos antes, pela sua capacidade de auxiliar a obter um nível alto de confirmação para o estudo, refletindo-se este na forma com que se expressam os resultados e no grau de independência do/a investigador/a face à interferência das suas inclinações, motivações ou interesses pessoais (Lincoln, & Guba, 1985 cit. por Rodríguez Gómez, Gil Flores, & García Jiménez, 1999, p. 288).

Ainda, neste terreno, o cuidado com o relato, como realça Wolcott (2003), é condição sine qua non da autenticidade, sendo este mais um dos principais critérios de avaliação dos estudos qualitativos. A força de um relato se mede, entre outros, pelo seu valor de verdade, pela sua capacidade de convencimento e pela confiança que o mesmo inspira. Neste caso, um valor inegociável, ainda segundo o mesmo autor, é a honestidade. Pelas razões óbvias, os/as investigadores/as qualitativos/as têm de ser sinceros ao relatar o seu percurso, têm de se lembrar dos seus sucessos e dos seus falhanços, e têm de explicar muito bem todas as opções.

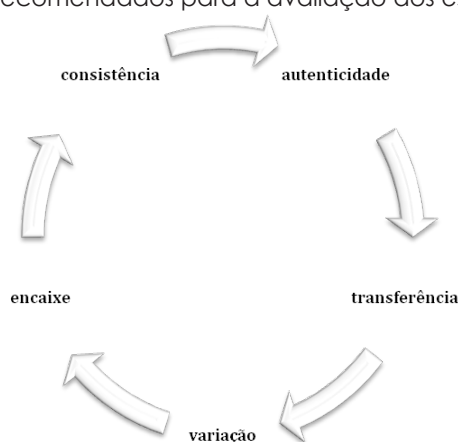
Finalmente, cumpre realçar a importância atribuída à variação e à combinação, nos estudos qualitativos (e.g., de teorias, de métodos, de técnicas, de sujeitos, de dados, etc.). Trata-se de uma técnica bastante referida, a triangulação¹⁴, que assenta na analogia da figura geométrica que lhe empresta o nome, para explicar que, num estudo qualitativo, o uso de distintas alternativas oferece melhores condições de aproximação e de interpretação do fenómeno (Denzin, & Lincoln, 2006; Rodríguez Gómez, Gil Flores, & García Jiménez, 1999; Stake, 2007; Valles, 1997).

Assim, todo o elenco de critérios e de argumentos assim resumidos e representados



na Figura 11, concorrem, em conjunto, para a construção de um contexto apropriado de avaliação, tanto interna quanto externa, dos estudos qualitativos.

Figura 11: Critérios recomendados para a avaliação dos estudos qualitativos



Fonte - Elaboração própria, com base em: Denzin e Lincoln (2006); Guba e Lincoln (1994); Morse (2005); Rodríguez Gómez, Gil Flores e García Jiménez (1999); Stake (2007); Strauss e Corbin (2002); Taylor e Bogdan (1987); Valles (1997); Wolcott (2003).

Em nota de conclusão, diremos que os critérios aqui referidos tomaram corpo na literatura específica, a partir dos anos 80 do século XX, período em que, concordando com a historicidade da investigação qualitativa, esta se encontrava na sua fase de legitimação (Denzin, & Lincoln, 2000). Neste momento, os esforços viraram-se, primeiramente, para o questionamento do termo validação, que passou a ser substituído pelo termo avaliação, considerado mais apropriado. Em segundo lugar, dirigiram-se para a busca dos critérios capazes de satisfazer as diversas condicionantes que, como vimos, ao longo deste texto, tomam parte nesta classe de estudos. Daí resulta que os estudos qualitativos não devem demonstrar a sua validade, mas podem (e devem) ser avaliados pela sua qualidade. Nesta avaliação, logicamente, relevam os critérios discutidos nesta seção.

Conclusão

Consistentemente com o título que o encabeça, este texto contém os ingredientes que se mesclam para proporcionar uma abordagem introdutória dos aspetos que, esperamos, possam levar a uma melhor compreensão e, conseqüentemente, a uma condução segura dos estudos qualitativos.



Na primeira seção, chamamos a atenção do/a leitor/a para os tópicos que consideramos relevantes para proporcionar um contexto de justificação e de enquadramento dos estudos de orientação qualitativa, explorando e explicando os seus traços distintivos, com base na seleção e na análise de obras de autores/as considerados/as referências para o efeito. Assim, realçamos que os estudos qualitativos definem-se pelo facto de que se baseiam em enfoques, em posições e em estilos que se sustentam numa estrutura que os delimita, estrutura esta que é dada por um paradigma geral, definido e compreendido, segundo uma interpretação construtivista, pelos seus aspetos de ordem ontológica, epistemológica, metodológica, axiológica e retórica.

Na segunda seção, destacamos que as investigações qualitativas se sustentam em quatro pontos cardeais, como sejam: a concordância entre as teorias e os métodos; o emprego das diferentes perspetivas dos sujeitos; o emprego da autorreflexão; e a variedade de enfoques e de métodos. Estes, por sua vez, se desdobram numa série de características, vinculadas à sua essência, tais como: o carácter indutivo, holista, humanista, naturalista, descritivo e flexível; o desenho, emergente, construtivo e centrado no processo, em detrimento dos resultados; o emprego de descrições abertas ou densas. No que respeita às decisões sobre a sua condução, dois aspetos influem de modo contundente, e em ordem de precedência: a natureza dos problemas a investigar e as inclinações pessoais do/a investigador/a.

Na terceira seção, definimos, em linhas gerais, tanto o papel que devem desempenhar, quanto o perfil que devem possuir os/as investigadores/as qualitativos, ao desenvolver os seus estudos. No primeiro caso, clarificamos que, na maioria das situações, devem adotar uma postura de equilíbrio, reconhecendo a influência da subjetividade, e procurando exercer o seu controlo, por meio da opção por procedimentos adequados ao incremento da objetividade. No segundo caso, confirmamos que estes/as investigadores/as devem alinhar-se com o perfil de um bricoleur, que segue um protocolo aberto e que improvisa, que é consciente de que o seu trabalho se assemelha à uma montagem de um puzzle, cujas peças se encaixam apenas no fim, que aprende a desenvolver a tolerância e a confiança para perseverar nos seus intentos, e que deixa um registo reflexivo do seu percurso.

Na quarta e última seção, clarificamos os critérios essenciais na avaliação dos estudos qualitativos, realçando que os mesmos são, em linhas gerais: a consistência, a autenticidade, a transferência, a variação e o encaixe. Tais critérios, conforme vimos, possuem um enquadramento próprio, no âmbito da investigação qualitativa, não podendo ser confundidos com os significados que lhes são atribuídos em



outros contextos. Ainda, relativamente a este ponto, explicamos que é no poder honesto do relato e na declaração firme de propósitos que os/as investigadores/as qualitativos encontram os principais argumentos para avaliar corretamente os seus estudos, quer do ponto de vista interno, quer do ponto de vista externo.

Finalmente, cumpre referir que foram dois os principais contributos obtidos neste estudo. O primeiro deles foi dado pelas fartas descrições e reflexões que foram levantadas, com o objetivo de indicar o sentido a tomar nas investigações qualitativas, de modo a desfazer algumas das suas maiores confusões, tributárias, sem dúvida, de uma incompreensão, que já vai sendo um costume e um obstáculo à sua melhor condução. O segundo, na medida em que trouxe à luz determinados aspetos complexos da investigação qualitativa, desmistificou, com certeza, o seu lado "soft". A modo de fecho, diremos que, de facto, foram estas as nossas principais preocupações.

NOTAS

¹ Este texto se baseia no segundo capítulo da tese de doutoramento, cuja referência completa é: Freitas, M. Cristina. V. de. (2009). *A Arquivística sob o signo da mudança: cenários arquivísticos (re) desenhados pelo documento eletrónico*. Tese de doutoramento, Universidade de Salamanca, Espanha.

² Tomamos emprestada a célebre Lei de Melvin Kransberg (1917-1995), enunciada pelo historiador de mesmo nome, e originalmente destinada a explicar o papel desempenhado pelas tecnologias na sociedade contemporânea.

³ Os momentos referidos por Denzin e Lincoln (2000; 2006) são: *tradicional* (do princípio do século XX até aos anos 40); *modernista* (do final dos anos 40 até aos anos 70); *gêneros confusos* (1970-1986); *crise de representação* (1986 até a década de 90); *tripla crise* (década de 90 até ao momento atual); *perspetivas futuras*. De referir que estes momentos são também citados por Wolcott (2003), Flick (2007) e Rodríguez Gómez, Gil Flores e García Jiménez (1999).

⁴ Que, neste caso, tem o sentido de um conjunto de procedimentos.

⁵ De acordo com Creswell (1994, p. 4), o primeiro destes, caracterizado como tradicional, positivista, empirista ou experimental, remonta às ideias de teóricos tais como: Auguste Comte, Stuart Mill, Émile Durkheim, Isaac Newton e John Locke. O segundo, caracterizado como construtivista, naturalista, interpretativo, pós-positivista e pós-moderno, é fruto de um contramovimento iniciado por nomes tais como: Wilhelm Dilthey, Max Weber e Immanuel Kant. De notar que as reflexões de Creswell advêm das seguintes obras: Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills: Sage; Quantz, R. A. (1992). *On critical ethnography (with some postmodern considerations)*. In M. D. LeCompt, W. L. Millroy, & J. Preissle. (Eds.), *The handbook of qualitative research in education*. New York: Academic Press; Smith, J. K. (1983). *Quantitative versus qualitative research: an attempt to clarify the issue*. *Educational Researcher*, 12 (3), 6-13.

⁶ Na aceção de Denzin e Lincoln (2006, p. 34), são quatro os principais paradigmas que estruturam as investigações qualitativas: o positivista/pós-positivista; o construtivista-interpretativo; o crítico; e o feminista/



pós-estrutural. Neste estudo, apelamos apenas à caracterização dos aspetos inerentes ao paradigma construtivista-interpretativo, que seguimos mais de perto.

⁷De notar que as reflexões de Creswell (1994) advêm das seguintes obras: Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1988). Do inquiry paradigms imply inquiry methodologies? In D. M. Fetterman. (Ed.). *Qualitative approaches to evaluation in education*. New York: Praeger; Firestone, W. A. (1987). Meaning in method: the rhetoric of quantitative and qualitative research. *Educational Researcher*, 16 (7), 16-21; McCracken, G. (1988). *The long interview*. Newbury Park: Sage.

⁸Sob este ponto de vista, a investigação qualitativa define-se, segundo estes autores, como uma arte.

⁹Contraste-se com o exemplo dos clássicos surveys, que têm por princípio estabelecer um protocolo prévio à entrada no campo, não prevendo desvios.

¹⁰Stern, P. N. (1980). Grounded theory methodology: its uses and processes. *Image*, 12 (1), 20-23.

¹¹De referir que as noções de descrição densa e de descrição aberta originam-se em Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures: selected essays*. New York: Basic Books.

¹²Para os pormenores deste conceito, recomenda-se a consulta de Denzin e Lincoln (2006, p. 17-20).

¹³Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills: Sage.

¹⁴A analogia do triângulo, segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 19), é criticada por Richardson (1997), para quem a figura que mais se aproximaria das estratégias utilizadas pelos/as investigadores/as qualitativos/as seria o cristal, com as suas diferentes cores, exibições e facetas, lançadas em diferentes direções. A obra em que se encontra a referida crítica é: Richardson, L. (1997). *Fields of play: constructing an academic life*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press.

Referências bibliográficas

Boyle, J. S. (2005). Estilos de etnografía. In J. Morse. (Ed.), *Asuntos críticos en los métodos de investigación cualitativa*. (p. 211- 242). (E. Zimmerman, Trad.). Alicante, Medellín: Publicaciones de la Universidad de Alicante, Editorial Universidad de Antioquia.

Creswell, J. W. (1994). *Research design: qualitative and quantitative approaches*. Thousand Oaks: Sage.

Coffey, A., & Atkinson, P. (2005). *Encontrar el sentido a los datos cualitativos: estrategias complementarias de investigación*. (E. Zimmerman, Trad.). Alicante, Medellín: Publicaciones de la Universidad de Alicante, Editorial Universidad de Antioquia.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). Introduction: the discipline and practice of qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln. (Eds.), *Handbook of qualitative research* (p. 1-32). (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage.



- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (S. R. Netz, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U. (2007). *Introducción a la investigación cualitativa* (2ª ed.). (T. del Almo, Trad.). Madrid, A Coruña: Ediciones Morata, Fundación Paideia Galiza.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln. (Eds.), *Handbook of qualitative research*. (p. 105-117). Thousand Oaks: Sage.
- LeCompte, M. D. (1995). Un matrimonio conveniente: diseño de investigación cualitativa y estándares para la evaluación de programas. *Revista Electrónica de Investigación y Evaluación Educativa*, 1 (1). Retirado de <http://www.uv.es/RELIEVE/v1/RELIEVEv1n1.htm>.
- Morse, J. M. (2005). La investigación cualitativa: ¿realidad o fantasía?. In J. Morse (Ed.), *Assuntos críticos en los métodos de investigación cualitativa*. (p. 25-36). (E. Zimmerman, Trad.). Alicante, Medellín: Publicaciones de la Universidad de Alicante, Editorial Universidad de Antioquia.
- Rodríguez Gómez, G., Gil Flores, J., & García Jiménez, E. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Taylor, S. J., & Bogdan, R. (1987). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación: la búsqueda de significados*. (J. Piatigorsky, Trad.). Barcelona: Paidós.
- Stake, R. E. (2007). *Investigación con estudio de casos* (4ª ed.). (R. Filella, Trad.). Madrid: Ediciones Morata.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2002). *Bases de la investigación cualitativa: técnicas y procedimientos para desarrollar la teoría fundamentada*. (E. Zimmerman, Trad.). Antioquia: Editorial Universidad de Antioquia.
- Valles, M. (1997). *Técnicas cualitativas de investigación social: reflexión metodológica y práctica profesional*. Madrid: Síntesis.
- Wolcott, H. F. (2003). *Mejorar la escritura de la investigación cualitativa*. (E. Zimmerman, Trad.). Medellín: Editorial Universidad de Antioquia.